

TÓPICO III: INTRODUÇÃO A UMA ABORDAGEM FORMAL DA GRAMÁTICA

1. Teoria X-barra (ou: dos Constituintes Sintáticos)

Objetivos desta seção

- Introduzir a noção de constituinte sintático segundo a gramática gerativa
- Introduzir o conceito de representação formal intensional
- Delinear os conceitos básicos de formação da estrutura sintática: núcleo, complemento, especificador; níveis abstratos (X'); projeção máxima (XP).

0. Sobre a Representação Formal Intensional

A formalização da estrutura da sentença em uma representação “arbórea” tem por espírito capturar formalmente os diferentes processos configuracionais que permitem a relação gramatical entre os constituintes:

- (a) Ela é construída em diferentes “níveis” (nós) para capturar diferentes funções gramaticais (como a predicação e a argumentalidade; a flexão; a modularidade).
- (b) Ela é configurada em nós binários e hierarquicamente distribuídos para capturar relações hierárquicas (como a complementação).
- (c) Ela é geométrica e se configura em fases para capturar as propriedades de manutenção da interpretabilidade depois dos processos de deslocamento.

O espírito desta formalização é *ex-plicar* as categorias mínimas que precisam estar configuradas para que a língua funcione.

A base dessa formalização é *intensional*, ou seja, a idéia é capturar a “receita” da gramática:

- O que é uma representação *extensional*? “Números Pares”: {2, 4, 6, 8, 10 ... }
- O que é uma representação *intensional*? “Números Pares”: {x : x=2y, onde y um número inteiro}

1. Os “Constituintes Sintáticos” – noção de Sintagma ou *Phrase*

(1) “O policial viu a velha com o binóculo”

(a) O policial viu [a velha com o binóculo]

Quem o policial viu?

Foi a velha com o binóculo que o policial viu

A velha com o binóculo, o policial viu

O policial viu a velha com o binóculo com uma luneta.

(b) O policial viu [a velha] [com o binóculo]

Quem o policial viu com o binóculo?

Foi a velha que o policial viu com o binóculo

A velha, o policial viu com o binóculo

** O policial viu a velha com o binóculo com uma luneta.*

A intuição tradicional sobre a ambiguidade das estruturas envolvidas em cada uma das sentenças (superficialmente idênticas) acima pode ser assim resumida:

- em (a), o predicador [viu] estabelece uma relação de complementação, com o sintagma [a velha com o binóculo], que tematicamente é o “alvo” (Quem ele viu? A velha com o binóculo).
- Em (b), o predicador [viu] estabelece duas relações de complementação: uma com o sintagma [a velha], outra com o sintagma [com o binóculo]. Em termos temáticos, [a velha] é o “alvo”, (Quem ele viu? - A velha) [(com) o binóculo] é o “instrumento” (Com que ele viu? - Com o binóculo).

Será possível capturar formalmente a configuração estrutural que permita o estabelecimento dessas duas diferentes relações de predicação? Vamos começar com a questão da captura da distribuição dos constituintes em cada uma das sentenças. Na sentença (a) reconhecemos, no predicado [viu a velha com o binóculo], dois constituintes maiores (o “verbo” e seu único complemento). Na sentença (b) reconhecemos, no predicado [viu a velha com o binóculo], três constituintes maiores (o “verbo” e seus dois complementos):

(2) “O policial viu a velha com o binóculo”

(a) [viu a velha com o binóculo] = viu [a velha com o binóculo]

(b) [viu a velha com o binóculo] = viu [a velha] [com o binóculo]

Esta representação simples (em que os colchetes [...] representam as fronteiras sintagmáticas) já captura satisfatoriamente a divisão em sintagmas: na primeira interpretação, há apenas um sintagma maior [a velha com o binóculo]; na segunda interpretação, há dois sintagmas, [com o binóculo] e [a velha]. Seria mais interessante,

]] = predicado

viu a velha com o binóculo

Mas nessa representação, parece que perdemos alguma coisa: perdemos a idéia da dupla relação entre [viu] e [a velha], e [viu] e [com o binóculo], como relações de complementação (que conseguimos representar como [viu [a velha][com o binóculo]]. Ou seja, a representação com três ramos não captura as relações de complementação, que são duas: entre viu e a velha, e entre viu e o binóculo.

Ou seja, há uma idéia abstrata de “ver” com esses dois complementos, como se a sentença fosse:

Nesse caso, portanto, a relação de complementação para “com o binóculo” se estabelece com um núcleo abstrato (que toma todos os traços abstratos do núcleo, e por isso interpretamos que “viu com o binóculo”). A relação de complementação com “a velha” se estabelece com o núcleo lexical “ver”. Como sabemos que não é o contrário? Porque a relação de complementação de “a velha” se dá diretamente, sem a necessidade de uma preposição. Até aqui, portanto, sugerimos representações possíveis para os sintagmas verbais [viu [a velha com o binóculo]] e [viu [a velha] [com o binóculo]] .

Mas como buscamos uma formalização *intensional* (ou seja: que pretende capturar uma generalização racional dos mecanismos, não uma descrição contingencial), essa representação deve adquirir uma função axiomática. A “representação axiomática” (em contraste com uma “representação contingencial”) , aqui, remete à idéia de que na teoria gerativa da gramática, uma formalização como (X) acima não tem como propósito “descrever” a frase [viu a velha com o binóculo] , mas sim representar todas as possibilidades de se formarem frases na língua portuguesa e em todas as línguas naturais. É a isso, centralmente, que se refere a qualidade de representação “intensional”: a idéia é procurar formular a “receita” do bolo, e não descrever o bolo, nem oferecer um pedaço do bolo.

1.1 A Teoria X-Barra

“A teoria X-barra é o módulo da gramática que permite representar um constituinte. Ela é necessária para explicitar a natureza do constituinte, as relações que se estabelecem dentro dele e o modo como os constituintes se hierarquizam para formar a sentença”. (Miotto, 2004: 49)

“O que há de interessante na teoria X-barra é justamente a possibilidade de captar a relação sintática entre os elementos que compõem um constituinte” (Miotto, 2004: 53)

Para estendermos nossas constatações sobre o predicado [viu a velha com o binóculo] numa direção axiomática, precisamos parar de nos referir às instâncias particulares como [viu], [a velha], [com o binóculo], e passar a manipular as propriedades funcionais desses objetos, enquanto categorias gramaticais. Precisamos começar a falar em que tipos de constituintes gramaticais: [viu a velha com o binóculo] é um sintagma verbal, pois seu núcleo é um verbo (viu); [a velha com o binóculo] e [a velha] são sintagmas nominais, pois seus núcleos são nomes; [com o binóculo] é um sintagma preposicional, pois seu núcleo é uma preposição:

(14)

- (a) SINTAGMA VERBAL: [viu a velha com o binóculo]
NÚCLEO: V [viu]

A idéia central é: os sintagmas são constituintes gramaticais formados pela projeção dos seus núcleos. Em outros termos: os núcleos (X⁰) projetam sintagmas (=constituintes frásicos). O termo “projetar” vem da idéia de que o “tijolo básico” de cada sintagma empresta seus traços abstratos (traços nominais, verbais,...) para o sintagma formado por ele.

“O esquema X-barra capta uma propriedade importante dos sintagmas que é o fato de eles serem endocêntricos. Isso significa que uma categoria XP só pode ter como núcleo uma categoria mínima X: as propriedades do núcleo são preservadas em cada projeção”. (Miotto, 2004: 53).

“[A teoria X-barra] não considera a função que um determinado elemento desempenha sintaticamente e sim a sua categoria e as relações que se estabelecem, sempre a partir de um núcleo” (Miotto, 2004: 53)

Isso deve valer para todo e qualquer constituinte, já que esta é uma formalização axiomática. Para que essa formalização axiomática funcione, é preciso tomar algumas decisões de implementação. A primeira e mais importante delas é decidir que núcleos são os mais relevantes para classificar cada sintagma. Uma consequência importante desse ramo de discussão na teoria é a proposta de que um sintagma nominal é apenas uma parte subordinada (ou seja, hierarquicamente inferior) de um sintagma determinante. Teríamos então:

(15) [a [velha]], onde: SINTAGMA DETERMINANTE-[D-a SINTAGMA NOMINAL-[N-velha]]

Na teoria gerativa, em vez de usarmos os termos portugueses Sintagma; Nominal; Verbal; Preposicional, usam-se os termos em inglês; e costumeiramente, abreviam-se estes termos:

Phrase para Sintagma, e:

Verbal Phrase	para Sintagma Verbal,	VP
Determiner Phrase	para Sintagma Determinante,	DP
Name Phrase	para Sintagma Nominal,	NP
Prepositional Phrase	para Sintagma Preposicional,	PP

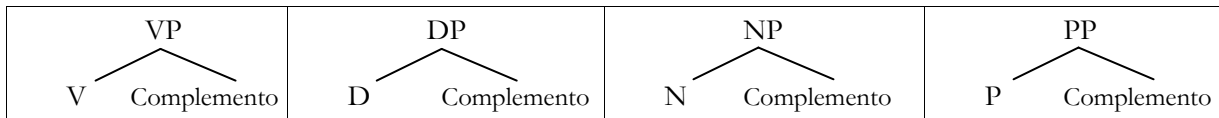
Cada um desses diferentes núcleos lexicais, portanto, irá “projetar” diferentes constituintes sintáticos:

(16)

[VP [V]]	(= <i>um núcleo V forma um constituinte VP</i>)
[DP [D]]	(= <i>um núcleo D forma um constituinte DP</i>)
[NP [N]]	(= <i>um núcleo N forma um constituinte NP</i>)
[PP [P]]	(= <i>um núcleo P forma um constituinte PP</i>)

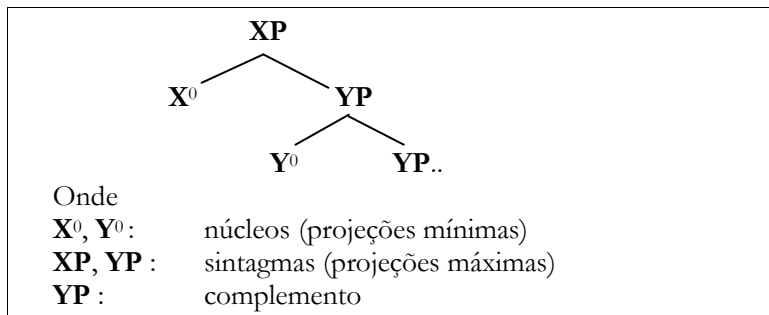
Ou seja, na representação arbórea:

(17)



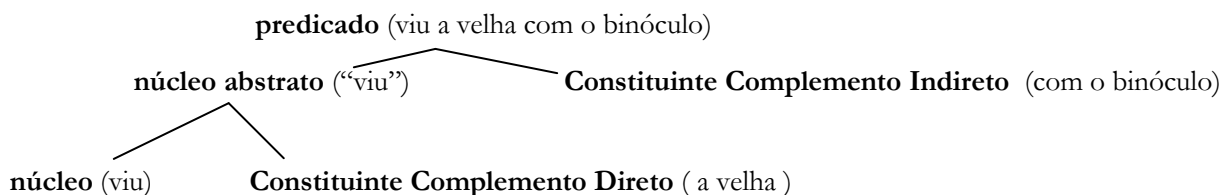
Agora já nos aproximamos melhor de uma representação axiomática, tomando as variáveis X, Y como representativas de “uma categoria dada qualquer”:

(19)



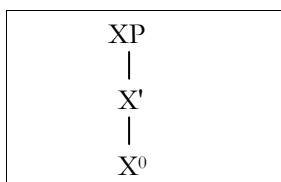
Aprendemos até aqui que podem haver projeções máximas e mínimas. As projeções mínimas ou núcleos podem ser representadas como X^0 ; e as projeções máximas ou sintagmas podem ser representadas como XP (P por *Phrase*). Os sintagmas podem ser compostos por núcleos e complementos. Aliás: um sintagma, como vimos, pode conter mais de um complemento. Foi o caso do sintagma verbal [viu a velha com o binóculo], que representamos inicialmente assim:

(20)



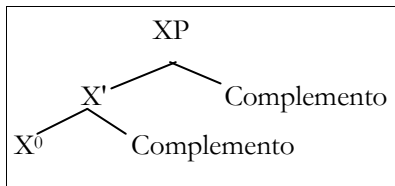
Naquele momento consideramos que na interpretação [viu [a velha] [com o binóculo]] há a necessidade de representar um nível intermediário ou abstrato para o núcleo [viu]. Se queremos que essa idéia se extenda para nossa representação axiomática, temos que encontrar uma maneira de representar, universalmente, esse “núcleo abstrato”. Já que consideramos que os “núcleos abstratos” tem todas as propriedades abstratas do núcleo, vamos dizer que são nada mais que um outro nível de representação do núcleo: dado o núcleo X^0 , esse nível intermediário será X' ($V^0 - V'$, $N^0 - N'$, etc):

(21)



Não vamos esquecer da motivação por trás da ideia dessa camada intermediária na representação dos sintagmas: ela serve para representar os casos em que um núcleo estabelece mais de uma relação de complementação, de modo que cada relação de complementação fique representada binariamente, entre os níveis mínimo e intermediário, chegando a constituir o nível máximo. Portanto:

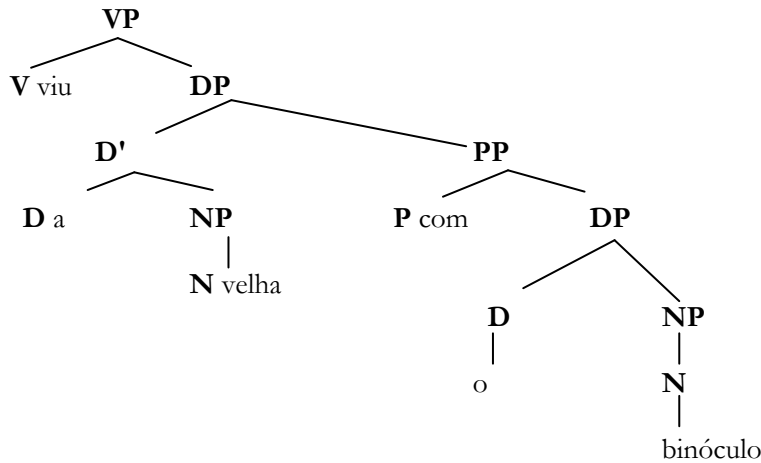
(22)



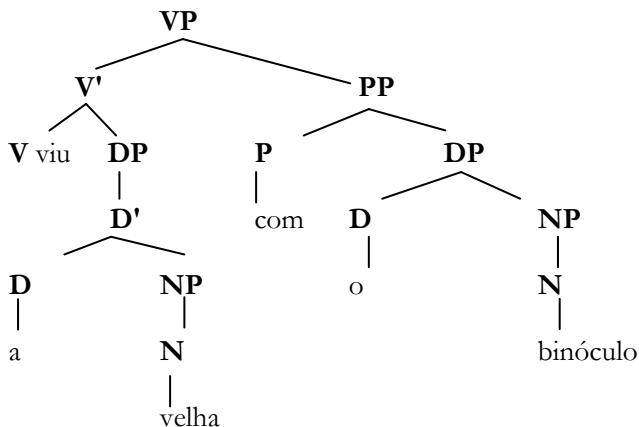
Será que com isso já podemos chegar a uma representação abstrata interessante para a frase? Vamos tentar, por exemplo, representar a frase verbal [viu a velha com o binóculo] nas duas interpretações, com esses elementos notacionais (X⁰ para núcleos, X' para projeções intermediárias, XP para projeções máximas):

(23)

(a) [VP N-viu [DP D-a [NP N-velha] [PP P-com [DP D-o [NP N-binóculo]]]]



(b) [VP N-viu [DP D-a [NP N-velha]] [PP P-com [DP D-o [NP N-binóculo]]]]



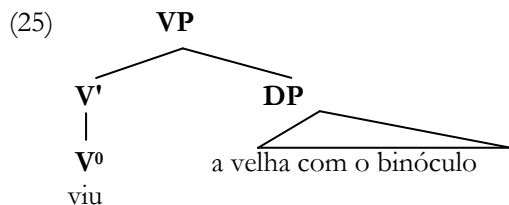
Vamos ver agora que essas representações dão conta dos testes que propusemos mais acima para identificar os constituintes maiores naqueles exemplos (deslocamentos, perguntas, clivagem). Podemos mudar o termo “constituintes maiores” para “projeções máximas”; vamos ver portanto como as projeções máximas em posição de complementos([DP a velha com o binóculo] de um lado, e [DP a velha] [PP com o binóculo] de outro lado) se comportam em cada caso:

(24)

[viu [DP a velha com o binóculo]]	[viu [DP a velha] [PP com o binóculo]]
VP V viu DP a velha com o binóculo (ela) (quem ?) (foi a velha com o binóculo)	VP V' V viu DP a velha (ela) (quem?) (foi a velha) PP com o binóculo (com isso) (com o quê?) (foi com o binóculo)
[Quem] o policial viu? Foi [a velha com o binóculo] que o policial viu [A velha com o binóculo], o policial viu O policial viu [a velha com o binóculo] com uma luneta. [DP] o policial viu? Foi [DP] que o policial viu [DP], o policial viu O policial viu [DP] com uma luneta.	[Quem] o policial viu [com o binóculo]? Foi [a velha] que o policial viu [com o binóculo] Foi [com o binóculo] que o policial viu [a velha] [A velha], o policial viu [com o binóculo] [Com o binóculo], o policial viu [a velha] * ... viu [a velha] [com o binóculo] com uma luneta. [DP] o policial viu [PP]? Foi [DP] que o policial viu [PP] Foi [PP] que o policial viu [DP] [DP], o policial viu [PP] [PP], o policial viu [DP] *.O policial viu [DP] [PP] com uma luneta.

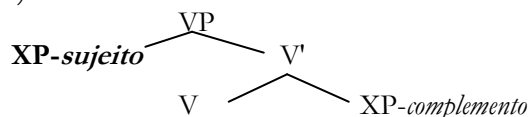
Mais adiante, vamos voltar a esses testes, pois eles nos revelam outras coisas interessantes sobre a estrutura da frase e sua representação: por exemplo, revelam que a interpretação dos complementos do verbo, em (a) e em (b) acima, está garantida em todas as formas que transformamos a sentença. Ou seja, mesmo deslocando, clivando, transformados em perguntas, os complementos continuam sendo interpretados como complementos. Isso indica que as características básicas das estruturas (a) e (b) acima são preservadas no curso das transformações da sentença.

Neste exato momento, em que exploramos a questão puramente representacional, vale ressaltar outro ponto. Ao voltarmos aos nossos testes sobre a sentença [O policial viu a velha com o binóculo], estamos revendo um participante da predicação que havíamos deixado de lado: o “sujeito”, [O policial]. Nossa representação, até aqui, previu configurações estruturais para a relação entre os núcleos e seus complementos, mas não previu uma configuração para a relação entre o núcleo V e o constituinte “sujeito”. Vamos voltar ao predicado mais simples, [viu [a velha com o binóculo]]; ele se estruturava assim:

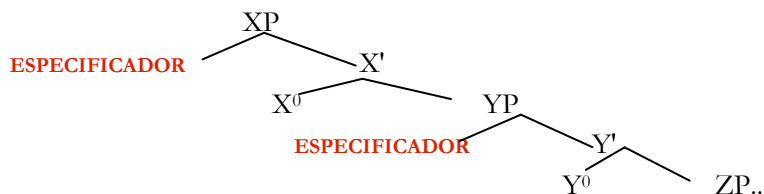


Como vamos capturar agora a participação do *sujeito*? Vimos na primeira parte do curso que o “sujeito” é “um dos argumentos do verbo”, ou seja, o núcleo V deve estabelecer alguma relação estrutural com o DP sujeito, assim como estabelece com o DP complemento. Na teoria gerativa, considera-se que os sintagmas, além de uma posição para complementos, apresentam uma posição de *especificadores*:

(26)



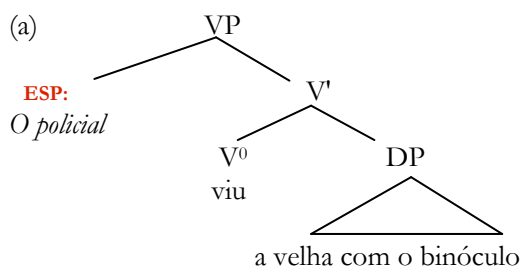
(27)



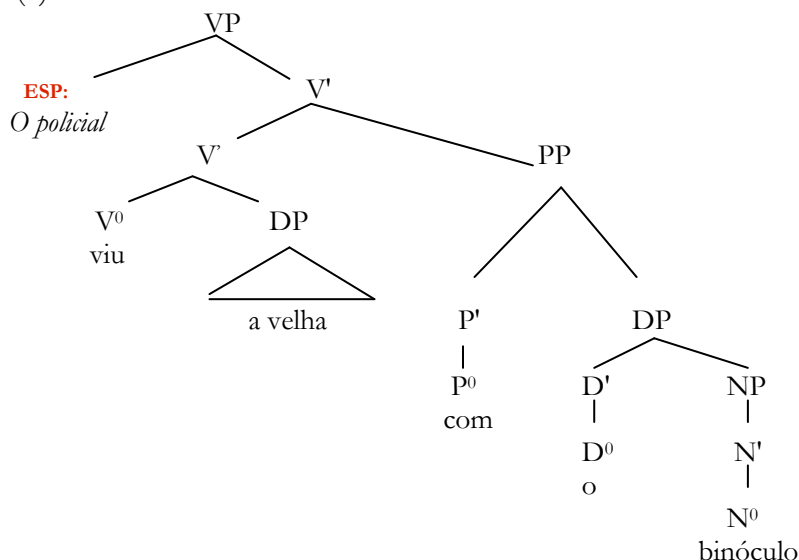
Como essa representação axiomática se encaixaria em (X) acima?

(28)

(a)



(b)



Vimos a proposta básica de estruturação da sentença em constituintes, e a representação formal para essa estruturação. Vimos que um constituinte sintático – XP – é formado pela projeção de uma estrutura de complementação e especificação de seu núcleo. Vimos como se constroem essas projeções de um modo geral: um núcleo X rege diretamente seu complemento e é comandado pelo seu especificador. Vimos brevemente alguns tipos de núcleos – os principais entre os chamados “núcleos lexicais”.

O próximo passo será compreender mais detalhadamente os diferentes núcleos, para estudar a formação da sentença, incluindo uma diferenciação entre dois tipos básicos – núcleos lexicais e funcionais – e a relação entre os constituintes sintáticos XP entre si.

(29)

VP 	DP 	NP 	PP
V Complemento	D Complemento	N Complemento	P Complemento

As Categorias que vimos até agora foram V, D, N, P. Todas são lexicais e fáceis de defender. Entretanto, a frase abstrata é composta por outras categorias além das lexicais. Nos nossos exemplos, lidamos com essas quatro categorias brevemente, dentro do plano da predicação – ou seja, plano de VP, a frase verbal. Nesse plano, como vimos, são projetadas (representadas estruturalmente) as relações argumentais entre o núcleo V e seus argumentos,

de acordo com o critério temático (que veremos com detalhe em *Teoria Temática*). Não vimos ainda como dar conta de outras relações gramaticais: as relações de flexão e concordância, as relações de complementização, asserção...

(30)

- (a) O policial viu a velha com o binóculo
- (b) O policial tinha visto a velha com o binóculo.
- (c) O policial não viu a velha com a luneta.
- (d) A velha foi vista com o binóculo.
- (e) O policial disse que viu a velha com o binóculo.
- (f) Quem viu a velha com o binóculo?
- (g) Quem o policial viu com o binóculo?

VP – o plano da estruturação argumental (V corresponde a um item lexical)

IP – o plano da estruturação de *Tempo, Modo, Caso, ... Flexão* (I pode corresponder a um item lexical (*tinha visto*))

CP – o plano da estruturação da asserção e complementização (C pode corresponder a um item lexical (*que*))

Na nossa próxima sessão iremos nos concentrar na formação da sentença no plano do sintagma verbal, ou seja, VP. Para isso precisaremos revisar o que já vimos na primeira parte do curso sobre argumentos e seus papéis temáticos.

Consolidação desta seção

Leitura:

 MIOTO, Carlos, et al. (2004). Novo Manual de Sintaxe. Florianópolis, Insular

Preparação para a próxima sessão

(tema da sessão: *Teoria Temática*)

Leituras:

-
-  PERINI, Mário Alberto (2009). *Papéis Temáticos*. Em “Estudos de Gramática Descritiva: As valências verbais”, Cap. 7. São Paulo: Parábola.
-  DUARTE, Inês & BRITO, Ana Maria (2003). *Predicação e Classes de Predicadores*. Em: M.H.M Mateus et al (eds), “Gramática da língua portuguesa”. Capítulo 7. Lisboa:Caminho.
-  BORBA, Francisco da Silva (Org. 1990). *Introdução*. Em: “Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil”. Araraquara: Editora da Unesp.
-